

A canção popular articula os sentimentos, os desejos e as opiniões da consciência coletiva. Produto da ação abrasiva e purificadora de incontáveis gerações, é a cristalização perfeita e bela daquilo que os românticos chamavam "alma do povo". Com sua extrema simplicidade e economia proporciona toda a canção popular a vivência imediata do caráter de um dado povo. Alguns programas de rádio apresentam em curto espaço de tempo canções de povos diferentes. Canções russas são precedidas de canções francesas e seguidas de irlandesas. Esses programas equivalem, no seu impacto vivencial, a muitos tomos de etnologia comparativa. São, na palavra de Herder, as vózes dos povos nas canções, ("Stimmen der Voelker in Liedern"). O romantismo, que é sob certos aspectos uma reação à revolução industrial, procura inspiração nas canções populares. O resultado dessa inspiração são poemas pseudo populares, cuja simplicidade e economia é produto de esforço deliberado. A revolução industrial varreu impiedosamente a canção popular da face da terra. Ao transferir o centro das manifestações culturais da aldeia para a cidade-monstro, deu ferú a revolução industrial um golpe mortal contra essa forma autêntica de articulação da consciência coletiva. "O povo", isto é a massa quase amorfa que habita as metrópoles, canta outra coisa. A "canção popular" que está sendo cantada atualmente, tem existência efêmera, aparece de forma epidêmica em milhares de discos, e jorra de dezenas de milhares de altofalantes para encher o ar e depois derramar-se no oceano do esquecimento. Tem a marca indelével do comercialismo. A sua simplicidade é resultado da procura do denominador comum mais baixo, e a sua economia é resultado da procura de lucro. Mas o sucesso fenomenal, embora efêmero, de algumas dessas canções prova que conseguiram captar, como que por golpe feliz, um aspecto da consciência coletiva. Uma análise fenomenológica e existencial dos "hit songs" da atualidade revelaria por certo a "alma do povo". Quero deixar apenas assinalado esse paradoxo: a despeito de sua inautenticidade fundamental conseguem essas canções as vezes articular os anseios e os desejos do povo.

O título do presente artigo é tirado de uma dessas canções de êxito fulminante. O núcleo dessa canção é constituído pela frase: "eu não estou fazendo nada". Os leitores a conhecem inevitavelmente. Trata-se de uma glorificação e de uma apologia de conversa fiada pela conversa fiada. "Faz mal bater um papo assim gostoso com alguém?" O texto, a melodia, o ritmo e os gestos conseguem captar, de maneira feliz, um aspecto da consciência coletiva. Transcrevo, de memória, parte do texto:

"Deixe que falem, que digam, que pensem, deixe isto pra lá. Eu não estou fazendo nada, Você também. Faz mal bater um papo assim gostoso com alguém? Vem pra cá, o que é que tem?"

A minha tese é a seguinte: por trás da aparente idiotice do texto esconde-se um cinismo profundo e uma desilusão total com os valores da sociedade. A canção advoga, com efeito, o abandono desses valores, e sua substituição pela in

autenticidade de bate-papo. A defesa dessa tese será dedicado o presente artigo.

O clima da canção é a atmosfera morna e pesada da sexualidade mal disfarçada. E, para falarmos psicologicamente, o clima da libido mal suprimida, ou teologicamente é o clima do pecado. Os valores tradicionais da sociedade são representados, no texto, por aqueles que "falam", e "dizem" e "pensam". Mas esses valores são renegados, implicitamente porque são poses. Portanto "deixe que falem". Com efeito, todo o conjunto de valores é um mero "diz-se". Portanto "deixe isto pra lá". No instante seguinte, no entanto, os valores são aparentemente aceites como medida à qual o meu comportamento se adequa: "eu não estou fazendo nada". Isto é: estou enquadrado na moralidade do "diz-se". Essa moralidade permite "bater um papo assim gostoso com alguém". Mas imediatamente depois vem o convite para a transgressão implícita dessa moralidade: "vem pra cá, o que é que tem?" Em outras palavras: façamos de conta que não estamos fazendo nada ao renegarmos os valores da sociedade, e façamos simultaneamente de conta que não os estamos renegando. Essa dupla insinceridade é a atitude recomendada ante os valores ainda poderosos, mas já esvaziados, da nossa sociedade. A canção é, com efeito, o hino à inautenticidade. Os valores aos quais a canção se refere implicitamente são os da moralidade sexual, mas são, por extensão, todo o conjunto de valores da sociedade do Ocidente. Recomenda a canção que deixemos tudo isto pra lá, fazendo de conta que não o estamos fazendo.

Chamei de cínica a recomendação contida no texto. O seu cinismo reside na escolha deliberada da inautenticidade como clima da vida. Este exercício da liberdade não tem sido suficientemente estudado pelas análises existenciais, talvez por ser demasiadamente horrível. Os pensadores existenciais distinguem entre a vida autêntica, (que é aquela que aceita a responsabilidade da escolha e a vida inautêntica, (que se recusa a escolher e decai no conformismo da "gerente"). Mas o que dizer daqueles que escolhem o conformismo, sabendo, muito embora, da falsidade desse conformismo? O que dizer daqueles que escolhem a conversa fiada, sabendo, muito embora, da sua falta de significado? Este é, a meu ver, o problema diante do qual a nossa canção nos coloca.

A civilização ocidental brotou de um conjunto majestoso de valores que estão, em sua maioria, contidos no cristianismo. A história do Ocidente é o trajeto da tentativa da sociedade de transformar a realidade de acordo com esses valores. É o trajeto da tentativa de fazer com que o mundo seja como deve ser de acordo com esses valores. No início dessa história os valores ocidentais tiveram que se impôr sobre outros. Durante largo período foram universalmente aceites. Ao se aproximarem da realização na forma da subjugação da natureza pela tecnologia, e na forma da subjugação do homem pela sociedade perfeita, entraram esses valores em crise. A perfeição que a realização total dos valores

representaria, era vivenciada, por antecipação, como intoleravelmente tediosa. O século 19 ensaiou, portanto, uma transvalorização dos valores. O resultado desse ensaio era a queda vertical na barbárie, representada, por exemplo, pelo nazismo. Ficou demonstrada assim a perniciosidade, e também a impraticabilidade, do abandono dos valores do Ocidente. A nossa canção recomenda sejam esses valores conservados nominalmente, embora tenham, a estas alturas, perdido todo significado. Recomenda um fazer de conta que ainda valiam os nossos valores. Mas, com um piscar de olhos, permite tácitamente a transgressão dos valores já agora esvaziados. É o cinismo do desespero, fruto da desilusão derradeira. É o oportunismo daquele que não vê mais oportunidade alguma. É a escolha deliberada do não fazer-se nada.

Quem ousaria dizer que não se trata de uma autentica escolha? Que a atitude do "deixe isto pra lá" não representa uma tomada de posição válida ante a sociedade? Que não se trata de um verdadeiro "engagement", embora num significado do termo não previsto pelos pensadores do existencialismo? Com efeito, a nossa canção é existencialista num sentido muito mais radical que Heidegger ou Sartre. E pensadores como Heidegger e Sartre são parcialmente responsáveis por ela. Nada adiantaria dizer que não concordam com a recomendação nela contida. A "vox populi" que se articula na nossa canção formula um argumento que é a conclusão necessária do argumento existencialista. Mas a "vox populi" que articula o argumento "deixe isto pra lá" por certo não é "vox Dei". Pelo contrário, é a voz do diabo que se faz ouvir no nosso texto. É a voz da negação pelo método da confusão deliberada. A nossa canção é a prova de ser o existencialismo, se conduzida até as suas últimas consequências, a forma moderna de maniqueísmo.

Apelo, para reforçar a minha argumentação, para a imaginação dos leitores. A nossa canção é, como sabem, na realidade uma dança. Os gestos característicos das mãos são parte integrante. Imaginem pois os leitores essa dança como fazendo parte de um ritual cultico, e concordarão comigo que se trata do culto do diabo. A monotonia do ritmo, a extrema pobreza melódica, a simplicidade cretina do texto, tudo isto evoca os ritos da feitiçaria. Tanto na forma como no conteúdo a canção se enquadra na tradição maniqueísta. Mas o diabo que invoca aparece na sua forma moderna, a saber na forma do nada. E esta consideração conduz o meu argumento ao núcleo do texto, que é a frase "eu não estou fazendo nada".

É óbvio que o significado dessa frase é "eu não estou fazendo nada de mal" no sentido de "eu não estou fazendo aquilo que os outros dizem ser mal", portanto significa "eu estou me conformando". Mas o movimento cínico das mãos que acompanha a frase insinua que estou fazendo exatamente aquilo que os outros dizem que faço. O que é aquilo que estou fazendo? Os outros dirão: "pecado". Mas para mim o termo "pecado" perdeu todo significado, já que perderam todo signifi

cado todos os valores. Ao fazer o que os outros chamam pecado, não estou, efetivamente, fazendo nada. E você também. Toda atividade minha e sua é, no fundo, um fazer nada, já que carece de significado, dado o esvaziamento de todos os valores. Toda atividade é frustra. Toda atividade é, por ser um fazer nada, um ato ritual ao serviço do absurdo. Toda atividade faz parte do ritual do diabo. É um bate\_papo gostoso, um bate\_papo antigamente chamado de "noite de Valpurgis". Vem pra cá, o que é que tem, vamos não fazer nada.

Esta é, a meu ver, a mensagem infernal que a nossa canção articula. Os leitores poderão argumentar que estou exagerando a importância da canção, e que ninguém está tomando a sério a sua mensagem. Que, afinal, ela estará esquecida dentro de poucas semanas. Mas este argumento hipotético dos leitores equivale a dizer: "Deixe que falem. O que é que tem? Faz mal bater um papo assim gostoso com alguém?" Estou convencido que a canção articula um aspecto importante e talvez decisivo da cena da atualidade, e o faz de maneira muito mais concisa, portanto mais poderosa, que os filmes de um Antonioni ou um Bergmann por exemplo. A contemplação dessa canção deve horrorizar a mente que se recusa a decair ainda mais que esses filmes.

Escolhi como título deste artigo a frase do texto: "deixe isto pra lá", porque ela significa quase exatamente aquilo que Guimarães Rosa articula na primeira palavra do "Grande Sertão:Veredas", a saber "nonada". Entre a canção e o romance abre-se um abismo não apenas estético, mas também ético que é sintoma da situação dentro da qual fomos lançados. Ambas articulações estão debaixo do signo do nada. O brado desesperado, digno e corajoso de Guimarães Rosa é "Não ao nada!" A recomendação desesperada, vergonhosa e cínica da canção é "sim ao nada." Com efeito, temos progredido muito ultimamente pelas veredas do nada. O que fazer? Não creio que a resposta adequada a essa pergunta é um movimento monótono e rítmico das palmas da mão e a frase "eu não estou fazendo nada".